



**CONEDU**  
Congresso Nacional de Educação  
18 a 20 de Setembro de 2014

## **DISCUTINDO O CONCEITO DE GÊNERO: O QUE PENSA O EDUCADOR DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL?**

Fernanda Cavalcante da Silva  
Universidade de Pernambuco  
fernanda\_najara@hotmail.com

### **Introdução**

A escola é um dos lugares responsáveis pelo processo de socialização. Além de aprenderem os conteúdos das diversas áreas do conhecimento, meninas e meninos aprendem também na escola os “seus” lugares na sociedade e na cultura. Tais aprendizagens, difundidas por essa instância social, baseiam-se em uma concepção binária de gênero, que consiste em modos de ser masculinos e de ser femininos, em que comportamentos são social e culturalmente compreendidos como “naturais”, como próprios de cada sujeito (sexo) (CAMPOS, 2009; AUAD, 2006). Portanto, a escola também é responsável pela constituição de relações de gênero. No entanto, nem sempre as práticas pedagógicas nas instituições de ensino exercitam a justiça e a igualdade entre meninos e meninas.

Para que possamos compreender que as desigualdades no aspecto econômico, social e político existentes entre homens e mulheres não são, simplesmente, produtos de suas diferenças biológicas, é fundamental entendermos o conceito de gênero. Gênero corresponde ao conjunto de representações construído pela cultura para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos (SANTOS; BUARQUE, 2003). O conhecimento acerca desse conceito pelo educador torna-se essencial para uma prática educativa pautada na igualdade de gênero. Diante do exposto, o presente trabalho objetivou identificar a concepção de gênero no discurso de uma docente que lecionava no 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública, situada no município de Garanhuns, Pernambuco, refletindo questões desse campo teórico.

### **Metodologia**

O presente estudo situou-se no âmbito teórico das relações de gênero e, para a sua realização contou com a participação de uma professora e de 38 alunos com faixa etária entre 09 e 14 anos, matriculados no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública, situada no município de Garanhuns, Pernambuco. Quanto à

---



abordagem, adotamos a qualitativa, pois centramos-nos na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (MINAYO, 2001).

A montagem do corpus e os procedimentos de análise qualitativa seguiram as orientações metodológicas da etnografia escolar, conforme André (1995). Ambos os autores consideram que a pesquisa etnográfica caracteriza-se pelo uso dos seguintes recursos de coleta de dados: observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos. Os instrumentos da pesquisa foram: observação participante e entrevista semi-estruturada. O presente estudo teve duração de um mês e 22 dias. A identidade dos sujeitos que participaram desse estudo foi preservada por questão de ética científica, optando-se, dessa forma pelo uso de nomes fictícios.

### **Resultados e Discussão**

A docente foi indagada acerca de algumas questões pertinentes do campo teórico das relações de gênero, a fim de identificarmos qual sua concepção sobre o conceito de gênero. Inicialmente a docente foi questionada sobre onde ocorre a construção da identidade de gênero, e se a escola influencia nessa construção. A docente aponta a família como a principal instância responsável pela construção da identidade de gênero e afirma a participação da escola nesse processo:

Bem... A construção da identidade de gênero se dá logo na primeira infância quando ainda no seio familiar a criança passa a ser moldada e educada pelos pais. Então, a questão do que é coisa de menino e coisa de menina já é inculcido nessa fase, é (pausa) e se a escola influencia nessa construção eu acredito que sim! Por muitas vezes quando chega na escola a equipe escolar mesma, até as outras crianças já vêm com isso predeterminado e acaba solidificando aquela construção que já veio de casa através de suas práticas (Esther).

É notória na fala da docente a crença de que a orientação sexual é construída na família, ou seja, a família é apontada como a instância social que tem a primazia nesse processo de construção da identidade de gênero, e a escola apenas exerce influência nessa construção através de suas práticas pedagógicas e das concepções solidificadas dos sujeitos que dela fazem parte (funcionários, alunos e comunidade local) sobre o que é próprio de menina e de menino. A afirmação da docente vai de encontro com a discussão de Louro (2008) que aborda que qualquer resposta cabal e definitiva a respeito de quem tem a primazia no processo de construção de gênero é ingênua e inadequada, pois, “a construção dos gêneros e das sexualidades dá-se

---



através de inúmeras aprendizagens e práticas [...] é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais (LOURO, 2008, p. 18)”.

A professora também foi questionada a respeito de sua formação acadêmica para trabalhar as relações de gênero na sala de aula. O discurso da docente apontou que a sua graduação não deu subsídios para problematizar as relações de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental: [...] *eu não tive nenhuma disciplina, nenhuma cadeira na minha graduação que focasse nessa questão* (Esther). A afirmação da docente revela a inexistência de disciplinas específicas ou temáticas que abordassem as relações de gênero e sexualidade durante sua formação acadêmica, revelando que a formação do educador brasileiro ainda é falha em nosso país, o que pode resultar na não problematização das relações de gênero em contexto escolar, o que inviabiliza a construção de uma sociedade pautada na equidade e democracia (COSTA *et al.* 2010). Para a construção de uma sociedade democrática e igualitária é preciso estar atentos para a formação dos educadores, uma vez que o educador é o agente principal na efetivação das ações necessárias para a construção de uma sociedade pautada na equidade de gênero (COSTA *et al.* 2010).

Quando questionada sobre o desenvolvimento de trabalhos ou atividades com os alunos em relação às diferenças de gênero e sexualidade, a docente respondeu:

[...] é (pausa), o que eu faço é questão de grupos para realizar trabalhos em sala, eu procuro sempre mesclar e fazer isso da forma mais sutil possível pra que eles não se choquem e não entendam isso como uma afronta ou como, é (pausa), que eu queira estar (pausa), estar destruindo ou acabando com alguma ideia ou querendo que ele seja menina, ou coisa desse tipo, já que nessa idade, na idade em que eles estão, a autoafirmação da sexualidade ela está muito em alta (Esther).

A afirmação da professora revela que a única forma adotada por ela para trabalhar as relações de gênero é a formação de grupos mesclados para a realização de trabalhos em sala, o que não foi visto durante as observações realizadas. Embora essa atitude da docente represente um passo importante para a desconstrução de estereótipos como do tipo “meninas não podem se agrupar com meninos”, ela é também limitadora, pois verifica-se a ausência de ações de

---



valorização das identidades de gênero, quando é preciso “efetivar uma pedagogia da valorização das diferenças”. O primeiro passo para isso é defender uma educação questionadora dos conceitos essencialistas e tratá-los como categorias socialmente constituídas no decorrer dos discursos históricos (NOGUEIRA, *et al.* 2008, p. 6) ”. Auad (2006) vai mais além dessas discussões, pois defende que a “mistura” de meninas e meninos no ambiente escolar é insuficiente para o término das desigualdades. “Isso só irá ocorrer quando, além de garantir a convivência entre os sexos masculino e feminino, também forem combatidas a separação e a oposição dos gêneros masculino e feminino (p. 55)”. Portanto, conforme a autora, meninos e meninas apenas juntos, sem maiores reflexões pedagógicas sobre as relações de gênero, pode redundar em aprofundamento das desigualdades.

Também questionamos a docente sobre qual a sua concepção de masculino e feminino: *Eu acredito que são palavras que denominam a sexualidade, né, [...] vai depender do seu sexo, se seu sexo é do sexo masculino, é só uma palavra que denomina a questão da sexualidade mesmo (Esther)*. O discurso da docente é limitador, pois revela que a mesma atribui feminino e masculino apenas às características sexuais dos seres humanos, enfatizando classificações sexuais. Aqui vale a discussão de que é necessário atinarmos que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico (LOURO, 1997).

## **Conclusão**

O discurso da docente investigada revelou que o conceito de gênero abordado pela mesma distancia-se do apresentado pela literatura, impedindo maiores reflexões de que as desigualdades econômicas, políticas e sociais existentes entre homens e mulheres não são, simplesmente, produtos de suas diferenças biológicas, mas, sim, construções resultantes das relações sociais (SANTOS; BUARQUE, 2003, p. 1), relações essas desiguais, que definem os papéis que homens e mulheres irão desempenhar na sociedade, criando uma hierarquia

---



entre ambos. O discurso da docente releva ainda que a escola não tem se mobilizado para desconstruir desigualdades de gênero.

## Referências

- ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papius, 1995.
- AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.
- CAMPOS, K. P. B. **Relações de gênero no cotidiano escolar**. Campina Grande: EDUEFCG, 2009.
- COSTA, A. A. A; SARDENBERG, C. M. B; VANIN, I. A institucionalização dos estudos feministas e de gênero e os novos desafios. 2010. In: Secretaria de Políticas para as Mulheres. Pensando gênero e ciências. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisas – 2009. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres. p. 55-72.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio-ago. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>.> Acesso em: 20 jun 2013.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- NOGUEIRA, J.K; FELIPE, D. A; TERUYA, T. K. Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. In Fazendo Gênero: Corpo, Violência e Poder. Florianópolis. P. 1-7, 25 a 28 de agosto. 2008. Disponível em: <[http://www.fetraece.org.br/images/conteudo/Site\\_6/genero%20raca%20e%20etnia.pdf](http://www.fetraece.org.br/images/conteudo/Site_6/genero%20raca%20e%20etnia.pdf)>. Acesso em: 10 maio 2013.
- SANTOS, G. BUARQUE, C. **O que é gênero**. In: I Seminário de integração dos Núcleos de Estudos de Gênero e Enfrentamento da Violência contra a Mulher. Recife, p. 1-5. Set. 2012. Versão adaptada para o Projeto Estratégias de Igualdade de Gênero no Trabalho/2003. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.
-